

O Evangelho segundo o Espiritismo



Allan Kardec

CAPÍTULO XXIII – Estranha moral

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO XXIII)

Índice

Capítulo XXIII – Estranha moral	03
Odiar os pais	03
A estranha moral de Jesus	05
Abandonar pai, mãe e filhos	09
Renúncia com Jesus	10
Culpa, arrependimento e reparação sob a ótica Espírita	12
Deixar aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos	16
Os espíritos intervêm em nossas vidas	17
Cremação: o que você acha?	20
Não vim trazer a paz, mas a divisão	22
Jesus viu muito à frente	25
O Evangelho segundo o Espiritismo	26

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – Allan Kardec

Capítulo XXIII – Estranha moral

1. Odiar os pais

1. Como nas suas pegadas caminhasse grande massa de povo, Jesus, voltando-se, disse-lhes: “Se alguém vem a mim e não odeia a seu pai e a sua mãe, a sua mulher e a seus filhos, a seus irmãos e irmãs, mesmo a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E quem quer que não carregue a sua cruz e me siga, não pode ser meu discípulo. Assim, aquele dentre vós que não renunciar a tudo o que tem não pode ser meu discípulo.”

(Lucas, 14:25 a 27 e 33.)

2. “Aquele que ama a seu pai ou a sua mãe, mais do que a mim, de mim não é digno; aquele que ama a seu filho ou a sua filha, mais do que a mim, de mim não é digno.”

(Mateus, 10:37.)

3. Certas palavras, aliás muito raras, atribuídas ao Cristo, fazem tão singular contraste com o seu modo habitual de falar que, instintivamente, se lhes repele o sentido literal, sem que a sublimidade da sua doutrina sofra qualquer dano. Escritas depois de sua morte, pois que nenhum dos Evangelhos foi redigido enquanto Ele viveu, lícito é acreditar-se que, em casos como este, o fundo do seu pensamento não foi bem expresso, ou, o que não é menos provável, o sentido primitivo, passando de uma língua para outra, há de ter experimentado alguma alteração. Basta que um erro se haja cometido uma vez, para que os copiadorees o tenham repetido, como se dá frequentemente com relação aos fatos históricos.

O termo odiar, nesta frase de Lucas: Se alguém vem a mim e não odeia a seu pai e a sua mãe, está compreendido nessa hipótese. A ninguém acudirá atribuí-la a Jesus. Será então supérfluo discuti-la e, ainda menos, tentar justificá-la. Importaria, primeiro, saber se Ele a pronunciou e, em caso afirmativo, se, na língua em que se exprimia, a palavra em questão tinha o mesmo valor que na nossa. Nesta passagem de João: “Aquele que odeia sua vida, neste mundo, a conserva para a vida eterna”, é indubitável que ela não exprime a ideia que lhe atribuímos.

A língua hebraica não era rica e continha muitas palavras com várias significações. Tal, por exemplo, a que, no Gênesis, designa as fases da Criação: servia, simultaneamente, para exprimir um período qualquer de tempo e a revolução diurna. Daí, mais tarde, a sua tradução pelo termo dia e a crença de que o mundo foi obra de seis vezes vinte e quatro horas. Tal, também, a palavra com que se designava um camelo e um cabo, uma vez que os cabos eram feitos de pelos de camelo. Daí o haverem-na traduzido pelo termo camelo, na alegoria do buraco de uma agulha.

(Ver capítulo XVI, item 2.) (21)

Cumpra, ademais, se atenda aos costumes e ao caráter dos povos, pelo muito que influem sobre o gênio particular de seus idiomas. Sem esse conhecimento, escapa amiúde o sentido verdadeiro de certas palavras. De uma língua para outra, o mesmo termo se reveste de maior ou menor energia.

Pode, numa, envolver injúria ou blasfêmia, e carecer de importância noutra, conforme a ideia que suscite. Na mesma língua, algumas palavras perdem seu valor com o correr dos séculos. Por isso é que uma tradução rigorosamente literal nem sempre exprime perfeitamente o pensamento e que, para manter a exatidão, se tem às vezes de empregar, não termos correspondentes, mas outros equivalentes ou perífrases.

Estas notas encontram aplicação especial na interpretação das Santas Escrituras e, em particular, dos Evangelhos. Se se não tiver em conta o meio em que Jesus vivia, fica-se exposto a equívocos sobre o valor de certas expressões e de certos fatos, em consequência do hábito em que se está de assimilar os outros a si próprio. Em todo caso, cumpre despojar o termo odiar da sua acepção moderna, como contrária ao espírito do ensino de Jesus.

(Veja-se também o cap. XIV, itens 5 e seguintes.)

CAPÍTULO XXIII – ESTRANHA MORAL

(21) **Nota do Sr. Pezzani:** Non odit, em latim: Kai ou misei em grego, não quer dizer odiar, porém, amar menos. O que o verbo grego misein exprime, ainda melhor o expressa o verbo hebreu, de que Jesus se há de ter servido. Esse verbo não significa apenas odiar, mas também amar menos, não amar igualmente, tanto quanto a um outro. No dialeto siríaco, do qual, dizem, Jesus usava com mais frequência, ainda melhor acentuada é essa significação. Nesse sentido é que o Gênesis (29:30 e 31) diz:

E Jacó amou também mais a Raquel do que a Lia, e Jeová, vendo que Lia era odiada.” É evidente que o verdadeiro sentido aqui é: menos amada. Assim se deve traduzir. Em muitas outras passagens hebraicas e, sobretudo, siríacas, o mesmo verbo é empregado no sentido de não amar tanto quanto a outro, de sorte que fora contrassenso traduzi-lo por odiar, que tem outra acepção bem determinada.

O texto de Mateus, aliás, afasta toda a dificuldade.

Especial

Nº 135 – 29/11/2009

O Consolador – (Leda Maria Flaborea)

I. Odiar os pais

A estranha moral de Jesus

Sabemos que Jesus não deixou nada escrito e por isso muitas palavras atribuídas a Ele não condizem com sua forma amorosa de ensinar.

Mas aqueles que combatem o Cristianismo em geral e o Espiritismo, em particular, usam esses argumentos para contestá-lo

Voltemos um pouco no tempo que antecedia a vinda de Jesus. Os conceitos éticos ainda não definidos, não estruturados, cresciam num contexto perverso:

- predominância do direito da força sobre a força do direito;
- escravidão política, social, econômica, de credo e de raça;
- a família submetida ao patriarcado soberano e às vezes cruel;
- os interesses girando em torno da posse, fosse de bens materiais ou de pessoas.

Por outro lado, na religião ocorriam transformações acentuadas:

- o paganismo, culto a vários deuses, entrava em decadência;
- o sacrifício humano para aplacar a fúria divina era substituído, em Israel, pelo sacrifício de animais, transformados em valiosos recursos para absolvição dos pecados e oferenda de gratidão a Deus.

O discernimento e a valorização da criatura já se iniciavam, passando ela a ser vista como imagem e semelhança de Deus.

Esse processo, que ainda, continua em nossos dias, teria que superar todos os impulsos agressivos que constituem a natureza humana, vitimada pela herança animal resultante do processo evolutivo como ser biológico, social e psicológico, ao qual ainda estamos submetidos. É nesse momento, em que os primeiros sinais para a aquisição da consciência individual e coletiva aparecem, que chega Jesus para auxiliar e facilitar a transição da barbárie para a civilização.

Para enfrentar a sombra coletiva em que aquela sociedade estava mergulhada, e também romper com as raízes que ainda prendiam o homem aos sentimentos mais agressivos, Jesus precisou trazer uma doutrina de compreensão e bondade, ternura e compaixão, que não podia ser comparada a qualquer atitude de agressividade interna ou externa, fosse ela ostensiva ou disfarçada.

Era preciso usar de energia e valor moral para enfrentar os desafios que surgiam com a intenção de impedir a marcha para a revolução espiritual que Ele trazia. E Ele não cedeu em nenhuma das diretrizes que traçou para o cumprimento de sua tarefa: romper com as estruturas do passado onde deveria haver: supremacia da humildade sobre o orgulho; supremacia do altruísmo sobre o egoísmo; supremacia da compreensão e da bondade sobre a intolerância.

Essa era, no mínimo, uma nova e estranha moral, por ser diferente de tudo o que existia e por contrariar todas as convicções prevaletentes.

Para usarmos os ensinamentos de Jesus como recursos na superação das nossas dificuldades, precisamos estudá-los.

Infelizmente, para a grande maioria de nós, essa doutrina continua a ser estranha porque vem de encontro aos nossos interesses pessoais, aos nossos desejos e caprichos egoísticos. “Não é

CAPÍTULO XXIII – ESTRANHA MORAL

minha praia”, dizem uns. “Não tenho paciência para ficar ouvindo ou lendo”, dizem outros, justificando a total incapacidade de compreender e muito menos de aceitar os convites que Jesus nos faz para a transformação dos nossos sentimentos, para a libertação dos comportamentos desajustados e doentios.

Mesmo entre os espíritas, essa incapacidade existe. Muitas vezes compreende-se a necessidade de mudar, mas não possuímos, ainda, os instrumentos íntimos para enfrentarmos a nossa realidade.

É por isso que ainda precisamos dos ensinamentos de Jesus.

Ele, na verdade, nos convida à terapia da renovação espiritual.

Quando entendemos esse convite, perguntamos: Jesus afastará nossas cruces? Certamente que não, mas seus ensinamentos transformam-se em instrumentos poderosos para deixá-las mais leves. Contudo, para usarmos os ensinamentos como recursos na superação das nossas dificuldades, precisamos estudá-los a fim de compreendê-los e, compreendendo-os, refletir sobre eles para, depois, podermos vivenciá-los em plenitude.

Sabemos que Jesus não deixou, ele próprio, nada escrito e por isso muitas palavras atribuídas a Ele não condizem com sua forma amorosa de ensinar. Aqueles que combatem o Cristianismo em geral e o Espiritismo, em particular, usam esses argumentos para suas contestações.

É possível esclarecer algumas dessas contradições, tirando algumas dúvidas. Em primeiro lugar, precisamos saber se Jesus, efetivamente, as pronunciou, tendo em vista nada ter deixado por escrito.

E, em caso afirmativo, saber qual era o significado dessas palavras na língua em que se expressava, pois, ao lermos ou estudarmos um texto antigo, não importa qual ele seja, não podemos usar os mesmos significados de hoje. No caso específico de Jesus, a língua hebraica não era rica e uma palavra poderia ter mais de um significado.

Temos dois exemplos que podem ajudar:

– no Gênesis, livro do Velho Testamento, as frases que indicam a criação do mundo podiam significar um período qualquer e o período diurno. Com o passar do tempo, a tradição encarregou-se de colocar o mundo físico criado em seis dias.

– Outro exemplo pode ser encontrado no Novo Testamento, quando Jesus ensina que é mais fácil um “camelo” passar pelo buraco de uma agulha do que um rico alcançar o céu. Nesse caso o termo que significa camelo também significa cabo. Assim, um erro cometido uma única vez permaneceu até nossos dias. Isso mostra que a tradução de uma língua para outra pode trazer enganos que alteram todo o real significado que se pretende dar ao que se escreve.

A ideia de abandono da família não condiz com a doutrina de Jesus; é, antes, a sua negação.

Temos que observar, ainda, a natureza particular de cada língua, a mudança do significado com o tempo, os erros dos copistas daquela época (analfabetos, apenas desenhavam o que estava na frente; qualquer observação que houvesse sido escrita à margem do documento seria por eles copiada como se fizesse parte do corpo do texto), a tradução literal que muitas vezes altera o significado real.

O cap. 23 de O Evangelho segundo o Espiritismo traz quatro desses exemplos e que devem ser compreendidos de forma figurada e não tomados ao pé da letra:

1) Se alguém vem a mim e não odeia seu pai, sua mãe – não é digno de mim.

(Lucas, XIV: 25-27, 33).

Se pensarmos na palavra odiar dentro do significado moderno do termo, a frase não fará sentido, pois aí não encontramos a forma bondosa com que Jesus ensinava. Entretanto, se considerarmos a possibilidade de significar amar menos ou aborrecer, poderemos compreender que houve enganos na interpretação, porque na doutrina amorosa do Cristo não havia espaço para a palavra odiar como a concebemos hoje.

2) Abandonar pai, mãe, esposa, filhos, fazendas – para segui-Lo.

A ideia de abandono da família não condiz com a doutrina de Jesus. É, antes, a sua negação. Mas, se pensarmos que o ensinamento contido nessa passagem é para que aprendamos a colocar o interesse da vida futura acima da vida material, então, há concordância com a essência do ensinamento.

Fica claro que Jesus pretendeu nos conscientizar de que a vida futura, ou seja, a vida do Espírito é mais importante que a vida da matéria. É interessante notar que existe a necessidade de separação para o progresso. Quem poderia condenar o filho ou a filha que se separam de seus pais para casarem? E que dizer dos filhos que deixam suas famílias para defenderem seu país?

Emmanuel, no livro Fonte Viva, na lição 58, diz, referindo-se a essa passagem, que abandonar é renunciar.

É uma renúncia pessoal. Exemplifica dizendo que “se teus pais não procuram a intimidade do Cristo, renuncia à felicidade de vê-los comungar contigo o divino banquete da Boa Nova, e ajuda teus pais”. Lembra ele que renúncia com Jesus não quer dizer abandono, mas expressa devotamento, pois ele próprio, esquecido por muitos, relegado às agonias da negação, sentindo as angústias do Amor-não-amado, não se afastou do convívio dos seus discípulos. Volta e diz confiante: “Eis que estarei convosco até o fim dos séculos”.

O respeito pelos mortos não deve se prender à matéria, mas se realiza pela lembrança do Espírito ausente.

3) “Deixe que os mortos enterrem seus mortos e você vá e anuncie o Reino de Deus.”

(Lucas, IX: 59-60).

Difícil imaginar que Jesus censurasse o filho que queria cumprir sua obrigação de piedade filial. Qual o sentido desse ensinamento?

Respeito pelos mortos não pode ficar circunscrito à matéria. A verdadeira vida é a vida do Espírito livre do corpo físico.

O sofrimento pela perda não nos permite perceber que o tempo para o cumprimento da encarnação encerrou-se: prisioneiro que cumpre pena não é solto; prisioneiro que não cumpre pena é solto.

Fica claro nessa passagem que o respeito pelos mortos não deve se prender à matéria, mas se realiza pela lembrança do Espírito ausente.

4) “Não vim trazer a paz, mas a espada”.

(Lc, XII: 49-53 e Mt, X: 35-36)

Ensino: Ele se refere aí ao resultado que adviria do estabelecimento de sua doutrina.

Joanna de Ângelis diz-nos que a estranha moral de Jesus veio como uma espada, para separar a mentira da verdade; a posse violenta da conquista honrosa; nos lares, veio para derrubar as construções rígidas do egoísmo, do patriarcado sombrio, do orgulho de clã e de raça; que a espada veio ferir, fortemente, a ignorância, o orgulho, os preconceitos de cada novo adepto, com lutas íntimas, pela não aceitação por parte dos entes mais queridos, da nova escolha feita.

CAPÍTULO XXIII – ESTRANHA MORAL

Exemplo disso foi Paulo de Tarso, rejeitado pela família e tido como louco pelos antigos companheiros de tribuna.

A doutrina de Jesus não trouxe mesmo a paz, pois surgiram opositores ferrenhos, ontem e hoje, tais os detentores do poder, os exploradores da credulidade geral, os usurpadores de bens e de recursos, os perseguidores dos ideais de elevação humana (dentro dos próprios lares). Entretanto, os maiores opositores estão no íntimo de cada um de nós. São os mais difíceis, pois é necessária a espada da decisão para superá-los e deles nos libertarmos.

É verdade que Jesus separou pais e filhos, cônjuges, irmãos, por fazerem oposição à decisão daqueles que se entregaram às transformações morais, mas também os transformou em ponte para tocar outros corações, pelos exemplos que dão ainda hoje.

Concluindo: A nova e estranha moral minava as bases do status quo dos poderosos – como ainda hoje. Morto Jesus, morta a ideia. Mas Jesus sabe que a paz virá, que a fraternidade se consolidará através da fé esclarecida. Por isso prometeu e cumpriu enviando-nos O Consolador, o Espiritismo, para nos ensinar o que Ele não pôde fazê-lo antes, por causa do nosso pouco entendimento, e para nos lembrar daquilo que já havia nos ensinado e que, por causa do nosso egoísmo e orgulho, esquecemos.

2. Abandonar pai, mãe e filhos

4. Aquele que houver deixado, pelo meu nome, sua casa, os seus irmãos, ou suas irmãs, ou seu pai, ou sua mãe, ou sua mulher, ou seus filhos, ou suas terras, receberá o cêntuplo de tudo isso e terá por herança a vida eterna.

(Mateus, 19:29.)

5. Então, disse-lhe Pedro: “Quanto a nós, vês que tudo deixamos e te seguimos.”

— Jesus lhe observou: “Digo-vos, em verdade, que ninguém deixará, pelo Reino de Deus, sua casa, ou seu pai, ou sua mãe, ou seus irmãos, ou sua mulher, ou seus filhos, que não receba, já neste mundo, muito mais, e no século vindouro a vida eterna.”

(Lucas, 18:28 a 30.)

6. Disse-lhe outro: “Senhor, eu te seguirei; mas permite que, antes, disponha do que tenho em minha casa.” — Jesus lhe respondeu: “Quem quer que, tendo posto a mão na charrua, olhar para trás, não está apto para o Reino de Deus.”

(Lucas, 9:61 e 62.)

Sem discutir as palavras, deve-se aqui procurar o pensamento, que era, evidentemente, este: “Os interesses da vida futura prevalecem sobre todos os interesses e todas as considerações humanas”, porque esse pensamento está de acordo com a substância da doutrina de Jesus, ao passo que a ideia de uma renúncia à família seria a negação dessa doutrina.

Não temos, aliás, sob as vistas a aplicação dessas máximas no sacrifício dos interesses e das afeições de família aos da Pátria? Censura-se, porventura, aquele que deixa seu pai, sua mãe, seus irmãos, sua mulher, seus filhos, para marchar em defesa do seu país? Não se lhe reconhece, ao contrário, grande mérito em arrancar-se às doçuras do lar doméstico, aos liames da amizade, para cumprir um dever? É que, então, há deveres que sobrelevam a outros deveres. Não impõe a lei à filha a obrigação de deixar os pais para acompanhar o esposo? Formigam no mundo os casos em que são necessárias as mais penosas separações. Nem por isso, entretanto, as afeições se rompem. O afastamento não diminui o respeito, nem a solicitude do filho para com os pais, nem a ternura destes para com aquele.

Vê-se, portanto, que, mesmo, tomadas ao pé da letra, excetuado o termo odiar, aquelas palavras não seriam uma negação do mandamento que prescreve ao homem honrar a seu pai e a sua mãe, nem do afeto paternal; com mais forte razão, não o seriam, se tomadas segundo o espírito. Tinham elas, por fim mostrar, mediante uma hipérbole, quão imperioso é para a criatura o dever de ocupar-se com a vida futura. Aliás, pouco chocantes haviam de ser para um povo e numa época em que, como consequência dos costumes, os laços de família eram menos fortes do que no seio de uma civilização moral mais avançada. Esses laços, mais fracos nos povos primitivos, fortalecem-se com o desenvolvimento da sensibilidade e do senso moral. A própria separação é necessária ao progresso. Assim as famílias como as raças se abastardam, desde que se não entrecruzem, se não enxertem umas nas outras. É essa uma Lei da Natureza, tanto no interesse do progresso moral, quanto no do progresso físico.

Aqui, as coisas são consideradas apenas do ponto de vista terreno. O Espiritismo no-las faz ver de mais alto, mostrando serem os do Espírito, e não os do corpo, os verdadeiros laços de afeição; que aqueles laços não se quebram pela separação, nem mesmo pela morte do corpo; que se robustecem na vida espiritual, pela depuração do Espírito, verdade consoladora da qual grande força haurem as criaturas, para suportarem as vicissitudes da vida.

(Cap. IV, item 18; cap. XIV, item 8.) (22)

(22) N.E.: Ver Nota Explicativa, p. 371.

Crônicas e Artigos

Nº 101 – 05/04/2009

O Consolador – (Rogério Coelho)

II. Abandonar pai, mãe e filhos

Renúncia com Jesus

“Renunciar por amor ao Cristo é perder as esperanças da Terra, conquistando as do Céu”
(Emmanuel). (1)

Ao mesmo tempo em que Jesus recomenda aos homens a renúncia aos bens deste mundo, prometendo-lhes os do Céu, ele afirma (2):

“Bem-aventurados os que são brandos, porque possuirão a Terra”.

Para tirar-nos deste aparente paradoxo, só mesmo Allan Kardec (3):

“Enquanto aguarda os bens do Céu, tem o homem necessidade dos da Terra para viver.

Apenas, o que Jesus recomenda ao homem, é que não ligue a estes últimos mais importância do que aos primeiros. Por aquelas palavras quis o Mestre dizer que até agora os bens da Terra são açambarcados pelos violentos, em prejuízo dos que são brandos e pacíficos; que a estes falta muitas vezes o necessário, ao passo que outros têm o supérfluo. Promete que justiça lhes será feita, **assim na Terra como no Céu**, porque serão chamados filhos de Deus. Quando a Humanidade se submeter à Lei de Amor e Caridade, deixará de haver egoísmo; o fraco e o pacífico já não serão explorados, nem esmagados pelo forte ou pelo violento. Tal será a condição da Terra, quando, de acordo com a Lei do Progresso e a promessa de Jesus, se houver tornado um mundo ditoso, por efeito do afastamento dos maus”.

Mais adiante, as seguintes palavras de Jesus são registradas pelo Evangelista (4):

“E todo aquele que tiver deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, mulher, filhos ou terras, por amor do meu nome, receberá cem vezes tanto e herdará a Vida Eterna”.

Para elucidar esse aparente paradoxo de Jesus, socorramo-nos com a sabedoria de Emmanuel: “Neste versículo do Evangelho de Mateus, o Mestre Divino nos induz ao dever de renunciar aos bens do mundo para alcançar a Vida Eterna. Há necessidade, proclama o Messias, de abandonar pai, mãe, mulher e irmãos do mundo; no entanto, é necessário esclarecer como renunciar.

Jesus explica que o êxito pertencerá aos que assim procederem por amor de Seu nome. À primeira vista, o alvitre divino parece contraditório contrassenso, pois, como podemos olvidar os sagrados deveres da existência, se o Cristo veio até nós para santificá-los? Nos tempos antigos, os discípulos precipitados não souberam atingir o sentido do texto. Numerosos irmãos de ideal recolheram-se à sombra do claustro, esquecendo obrigações superiores e inadiáveis.

Fácil, porém, reconhecer como o Cristo renunciou: aos companheiros que O abandonaram aparece glorioso, na ressurreição; e não obstante as hesitações dos amigos, divide com eles, no cenáculo, os júbilos eternos. Aos homens ingratos que O crucificaram oferece sublime roteiro de salvação com o Evangelho e nunca Se descuidou um minuto das criaturas.

Um dia, Ele renunciou ao Seu Jardim de Estrelas para encarnar nas sombrias estâncias de um planeta de provas e expiações.

Observemos, portanto, o que representa renunciar por amor ao Cristo: é perder as esperanças da Terra, conquistando as do Céu. Isso se encontra inofismavelmente exarado no Evangelho de Mateus, capítulo seis, versículos dezenove e vinte, onde podemos ler: “Não ajunteis para vós tesouros na Terra, onde a traça e a ferrugem os consomem, e onde os ladrões minam e roubam;

CAPÍTULO XXIII – ESTRANHA MORAL

mas ajuntai para vós tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem os consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam.

Portanto, se os pais são incompreensíveis, se a companheira é ingrata, se os irmãos parecem cruéis, é preciso renunciar à alegria de tê-los melhores ou perfeitos, unindo-nos, ainda mais, a eles todos, a fim de trabalhar no aperfeiçoamento com Jesus.

“Acaso não encontras compreensão no lar? Os amigos e irmãos são indiferentes e rudes? Permanece ao lado deles, mesmo assim, esperando para mais tarde o júbilo de encontrar os que se afinam perfeitamente contigo. Somente desse modo renunciarás aos teus, fazendo-lhes todo o bem por dedicação ao Mestre, e, somente com semelhante renúncia alcançarás a Vida Eterna”.

Afiança Léon Tolstoi (5):

“O segredo da felicidade humana reside na habilidade de saber renunciar na ocasião precisa. E aquele que sabe renunciar viverá em paz, enamorado sempre dos ideais superiores, inspirados no Amor Divino”.

Referências:

- (1) **Emmanuel**, Caminho da Verdade, (psicografia Chico Xavier), (cap. 154.)
- (2) **Mateus**, 5:5.
- (3) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. IX, item 5.)
- (4) **Mateus**, 19:29.
- (5) **Tolstoi** Léon, Ressurreição e Vida, (psicografia Yvonne Pereira), (Cap. VII, 2ª parte, § 4.)

Especial

Nº 279 – 23/09/2012

O Consolador – (Cláudia Gelernter)

Culpa, arrependimento e reparação sob a ótica espírita

II. Abandonar pai, mãe e filhos

1002. O que deve fazer aquele que, no último momento, na hora da morte, reconhece as suas faltas, mas não tem tempo para repará-las? É suficiente arrepender-se, nesse caso?

“O arrependimento apressa a sua reabilitação, mas não o absolve. Não tem ele o futuro pela frente, que jamais se lhe fecha?”

(O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec.)

Jean-Jacques Rousseau, um dos grandes nomes do iluminismo, nasceu em Genebra, no ano de 1712. Não conheceu sua mãe, porque ela, devido a complicações do parto, veio a falecer dias após seu nascimento. Quando completou dez anos de idade, seu pai envolveu-se em uma discussão com pessoa importante da cidade e, com receio de represálias, fugiu, deixando o filho para ser educado por um tio. Segundo seus biógrafos, o fato de Rousseau não ter conhecido a mãe marcou-o profundamente.

Tornou-se, na vida adulta, compositor autodidata, teórico político, filósofo e escritor. Contribuiu amplamente para as grandes reformas ocorridas na América e na Europa, no século XIX, com seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, sendo ainda um dos colaboradores da famosa Enciclopédie, de Diderot et

D’Alembert escreveu vários livros, influenciando diversas culturas e gerações. Foi um daqueles homens que não passam despercebidos, pois possuía conhecimentos bastante avançados para sua época – visões que romperam com os paradigmas vigentes, trazendo transformações importantíssimas para o panorama do mundo ocidental.

Um de seus escritos, de estrondoso sucesso, chama-se “Émile ou De l’éducation” (tratado sobre a educação). Nesta obra, Rousseau cria um personagem fictício, de nome Émile (Emílio), e vai, no transcorrer de seus escritos, contando ao leitor qual a forma como ele educa este personagem. O objetivo de Emílio é “formar um homem livre; e o verdadeiro amor pelas crianças”. Hoje esta obra é vista não apenas como uma referência obrigatória para todos os educadores [pais, professores etc.], mas, acima de tudo, como uma lição de vida. Entretanto, Rousseau, esse mesmo homem, filósofo, escritor, teve cinco filhos. E os abandonou, a todos, em orfanatos.

No prefácio da obra mencionada, o tradutor assim comenta: “Como levar a sério um livro sobre a educação escrito por um homem que abandonou os cinco filhos que teve com Thérèse Levasseur? Esta questão prévia, repetida pelos jovens leitores de ontem e de hoje, deve ser colocada, não para ser ela própria levada a sério, mas para que nos desvencilhemos dela de uma vez por todas.

Rousseau é daqueles que acham que não há covardia pior do que o abandono dos filhos que se teve o prazer de fazer. Escreveu Rousseau em sua obra Emílio: ‘Um pai, quando gera e sustenta filhos, só realiza com isso um terço de sua tarefa. Ele deve homens à sua espécie, deve à sociedade homens sociáveis, deve cidadãos ao Estado. Todo homem que pode pagar essa dívida triplíce e não paga é culpado, e talvez ainda mais culpado quando só paga pela metade. Quem não pode cumprir os deveres de pai não tem direito de tornar-se pai.

Não há pobreza, trabalho nem respeito humanos que os dispensem de sustentar seus filhos e de educá-los ele próprio. Leitores, podeis acreditar no que digo. Para quem quer que tenha entranhas e desdenhe tão santos deveres, prevejo que por muito tempo derramará por sua culpa lágrimas amargas e jamais se consolará disso’.” (Emílio, Livro 1.)

Rousseau influenciou sobremaneira pensadores como Pestalozzi.

Foi justamente por sentir-se culpado que Rousseau escreveu Emílio (de 1757 a 1762). Não podemos pretender que o livro não tenha nada para nos ensinar porque seu autor não o colocou em prática. Para isso, seria necessário inverter a cronologia e proibir a Rousseau toda a

oportunidade de um arrependimento sincero que busca a reparação. Afirmou o autor de Emílio: “Não escrevo para desculpar meus erros, mas para impedir meus leitores de os imitar”. Jean-Jacques influenciou sobremaneira alguns pensadores, tais como Johann Pestalozzi, fundador da escola de Yverdon, na Suíça, mestre de Allan Kardec.

Portanto, podemos dizer que Rousseau é o avô espiritual de Kardec nas questões da educação. Levando-se em conta que o codificador da Doutrina Espírita (assim como Pestalozzi) era pedagogo, logo percebemos quanto a obra Emílio foi importante para todos os três e tantos outros. E se Rousseau influenciou sobremaneira Kardec, nós outros, daqui deste lado do planeta, 150 anos após Kardec, somos também influenciados por suas ideias fantásticas de educação através do amor e da liberdade.

Sabemos, ainda, através dos escritos do final da vida de Jean-Jacques Rousseau, que ele tentou resgatar todos os seus filhos dos orfanatos, mas não teve sucesso. Portanto, de seu arrependimento e expiação vemos surgir a busca pela reparação, se não diretamente aos prejudicados, através de todos aqueles que beberem nas fontes de suas ideias renovadoras e, por que não dizer, maravilhosas.

O escritor Catulo da Paixão Cearense, em seu poema “A Dor e a Alegria”, afirma que “a dor é como um relâmpago; no escuro assusta a gente, mas alumia os caminhos”. Rousseau aprendeu o verdadeiro sentido dessa frase 300 anos antes de ser pronunciada por Catulo.

Seguindo tal linha de pensamento, podemos afirmar que Rousseau não ficou estagnado no susto causado pela dor. Abriu os olhos, no momento em que ela clareava caminhos, e soube segui-los com coragem. Ainda bem.

Outra história, mais antiga que a de Rousseau, mas que inspira nossos corações sobremaneira, fala sobre uma mulher nascida em uma época difícil, na cidade de Magdala. Chamava-se Maria. Contam-nos alguns evangelistas que ela carregava em seu psiquismo a presença de sete demônios, tendo sido curada por Jesus. Hoje, através da Doutrina Espírita, aprendemos que tais ‘demônios’ eram, na verdade, Espíritos ainda ignorantes, voltados temporariamente ao mal.

Afastaram-se de Maria sob a imposição moral do Mestre, entretanto cabe-nos salientar que, se não voltaram a importuná-la, foi devido aos méritos que ela acumulou, através de sua reforma interior.

Rousseau mostrou-se em muitos momentos um protestante rebelado.

Humberto de Campos, no livro Boa Nova, conta-nos, de forma emocionante, a história do encontro entre Maria e Jesus. Ela, curvada pelo peso de sua culpa, carregando no íntimo muitas dores nascidas do remorso constante, abre seu coração atormentado.

Jesus, o Grande Sábio, aponta novos caminhos: “Ame, Maria. Ame muito. Ame os filhos de outras mães – escolha a porta estreita.”.

Nada de acusações. Apenas um pedido: que amasse muito, sem nada esperar de volta. Foi o que fez.

Após a crucificação de Jesus, decidiu seguir os discípulos na divulgação da Boa Nova. Entretanto, aqueles homens, encharcados de preconceitos, negaram-lhe a companhia. Teve de ficar às margens do Tiberíades, em lágrimas, cheia de saudades e dor.

Foi quando viu chegarem à cidade diversos leprosos, em busca do Mestre. Não sabiam que Ele já não pertencia àquele mundo – queriam ouvir Sua voz, Seus ensinamentos e, quem sabe, conseguir a tão almejada cura.

Maria não hesitou. Buscou-os e, em todas as tardes, passou a divulgar os ensinamentos que houvera aprendido com o amigo nazareno. Em pouco tempo, porém, aquelas pessoas foram expulsas de Cafarnaum e ela, com o melhor sentimento de que dispunha, acompanhou-os para longe dali. Seguiu seus dias cuidando, diuturnamente, dos doentes, amparando-os, tentando

minimizar suas dores, sua fome, sua tristeza. Depois de algum tempo percebeu manchas róseas em sua pele. Estava com hanseníase, também.

Sentindo que o final se abeirava, decidiu procurar pela mãe de Jesus, Maria, e por João, seus amigos diletos. Seguiu para Éfeso, mas não conseguiu adentrar a cidade, caindo pouco antes de sua entrada.

Logo após sua desencarnação, viu-se novamente às margens do mar da Galileia, encostada em uma grande árvore. Ao longe, aproxima-se Jesus, com os braços abertos, a dizer-lhe: “Maria, já passaste a porta estreita! Amaste muito! Vem! Eu te espero aqui!”.

Duas histórias fantásticas, com pontos em comum: Rousseau e Maria saíram do processo de remorso, arrependeram-se verdadeiramente e optaram pela reparação. Outro ponto que devemos destacar é que ambos, embora dentro de culturas essencialmente religiosas (ela era judia e ele protestante) e preconceituosas, conseguiram libertar-se das amarras teológicas. Ela, porque bebeu nas fontes da Verdade, diretamente com Jesus. Recordemos que Ele afirmou: “Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará”. (João, 8:32.)

Foi o que ocorreu com Maria. Libertou-se do remorso e pôde seguir em frente.

Ele (Rousseau), porque rompeu com as amarras dos dogmas. Mostrou-se em muitos momentos um protestante rebelado, desconfiado das interpretações eclesiásticas sobre os Evangelhos. Dizia sempre: “Quantos homens entre mim e Deus!”, o que atraía a ira tanto de católicos como de protestantes.

A culpa no Ocidente – O capitalismo e a normose.

Na atualidade, enfrentamos muitos dilemas quando analisamos a questão da culpa.

Cada vez mais tomamos consciência de como as teorias individualistas ocidentais estão equivocadas (1) no que se refere à realidade do ser. Tanto através da lente espírita, como das ciências ditas humanas, temos tido contato com outra realidade: a de que pertencemos ao todo, influenciando e sendo influenciados, num mar de experiências, onde tudo se modifica, continuamente, através das relações. Não é possível explicar o ser em separado do meio onde ele atua. Não podemos deixar de considerar o tempo histórico e a cultura onde está inserido, sob risco de cometermos erros crassos, subtraindo influências importantes e, pior, não reconhecendo sua real essência neste meio.

Com isso, já percebemos a urgência de um olhar mais holístico, vislumbrando o sujeito com todas as suas faces. O ser como sendo um sujeito bio-psico-socio-espiritual, pois é o que somos, sendo que o Espírito, o ser imortal, criado simples e ignorante, com potencialidades de perfeição relativa e que vai, através de vidas sucessivas, evoluindo, é sua essência, o seu verdadeiro eu, com o qual atua no mundo, através de sua porção biológica, com mecanismos psicológicos característicos, dentro de uma sociedade, em determinada cultura e em determinado tempo histórico.

Quando ampliamos este nosso olhar, vamo-nos aproximando da realidade, e, com isso, podemos melhorar nosso entendimento, conseguindo, por consequência, refletir melhor sobre nossas ações e as implicações destas em nossas vidas e no meio onde atuamos.

Na cultura judaico-cristã, o medo dos fiéis alimentou, por séculos, o poder de alguns, através do mecanismo da culpa. Nesse contexto, já nascíamos culpados; afinal somos descendentes de um erro imperdoável: nossos ancestrais Adão e Eva que, num ato de muita insensatez (pela visão religiosa tradicional) abdicaram do maior presente de Deus – o paraíso na Terra – trocando-o pelo fruto da árvore da sabedoria. Somos culpados por desejarmos algo saber. Sendo assim, a ignorância seria o melhor remédio, aceitando dogmas irrevogáveis e, lógico, inquestionáveis. Talvez aí pudéssemos fazer as pazes com Deus, por determinado tempo, desde que ainda contribuíssemos com algo, de preferência de natureza material, pela ‘Causa de Deus na Terra’.

CAPÍTULO XXIII – ESTRANHA MORAL

Mas a nossa história com a culpa não para por aí. Mulheres judias nascem impuras; afinal, menstruam e nem sequer podem orar como os homens nos templos. Depois do ano 234 d.C., quando se criou a instituição católica, a culpa continuaria presente. Homens deveriam lutar nas 'guerras santas', trazendo ouro para a igreja e diminuindo o número de 'infiéis', através da espada. Se assim fizessem, poderiam dormir com a consciência tranquila, pois estariam quites com Deus.

(1) Segundo a ideia vigente na ideologia do capitalismo, o homem é um ser que 'se faz sozinho', podendo ascender ou fracassar, de acordo com sua vontade (ou falta dela).

Nesta forma de pensamento não são consideradas as influências do meio para estudo e entendimento do indivíduo; os fenômenos humanos poderiam ser estudados em separado do contexto onde este se desenvolveu.

Na cultura norte-americana, o 'self-made man' (homem que se faz sozinho) é o símbolo maior desse tipo de pensamento, auxiliando, desta forma, a manutenção da ideologia em que estamos mergulhados.

Referências bibliográficas:

Leloup Jean-Yves, **Weil** Pierre, **Crema** Roberto, Normose: a patologia da normalidade.)

Kardec Allan, O Céu e o Inferno, (Código da Vida Futura, p.94.)

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos.

Rousseau Jean-Jacques, Émile ou De l'éducation (Emílio ou Da Educação.)

Weber Max, A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.

Campos Humberto, Boa Nova, (psicografia Chico Xavier), (cap. Maria de Magdala.)

3. Deixar aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos

7. Disse a outro: “Segue-me”; e o outro respondeu: “Senhor, consente que, primeiro, eu vá enterrar meu pai.” — Jesus lhe retrucou: “Deixa aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o Reino de Deus.”

(Lucas, 9:59 e 60.)

8. Que podem significar estas palavras: “Deixa aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos”? As considerações precedentes mostram, em primeiro lugar, que, nas circunstâncias em que foram proferidas, não podiam conter censura àquele que considerava um dever de piedade filial ir sepultar seu pai. Têm, no entanto, um sentido profundo, que só o conhecimento mais completo da vida espiritual podia tornar perceptível.

A vida espiritual é, com efeito, a verdadeira vida, é a vida normal do Espírito, sendo-lhe transitória e passageira a existência terrestre, espécie de morte, se comparada ao esplendor e à atividade da outra. O corpo não passa de simples vestimenta grosseira que temporariamente cobre o Espírito, verdadeiro grilhão que o prende à gleba terrena, do qual se sente ele feliz em libertar-se. O respeito que aos mortos se consagra não é a matéria que o inspira; é, pela lembrança, o Espírito ausente quem o infunde. Ele é análogo àquele que se vota aos objetos que lhe pertenceram, que ele tocou e que as pessoas que lhe são afeiçoadas guardam como relíquias. Era isso o que aquele homem não podia por si mesmo compreender. Jesus lho ensina, dizendo: “Não te preocupes com o corpo, pensa antes no Espírito; vai ensinar o Reino de Deus; vai dizer aos homens que a pátria deles não é a Terra, mas o céu, porquanto somente lá transcorre a verdadeira vida.

Especial

Nº 373 – 27/07/2014

O Consolador – (Jorge Leite de Oliveira)

III. Deixar aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos

Os Espíritos intervêm em nossas vidas

Afora aquelas pessoas que não creem na sobrevivência da alma após a morte do corpo físico, muitas outras existem que imaginam ser a desencarnação a separação definitiva entre os chamados vivos e os mortos.

Algumas narrações evangélicas parecem confirmar essa última suposição. Em Lucas (16:27-31), Jesus narra a parábola de Lázaro, o mendigo, e do homem rico. Após a desencarnação de ambos, o último pede ao Espírito Abraão para enviar Lázaro, que gozava das bem-aventuranças celestes, para avisar os cinco irmãos do rico sobre os tormentos morais dos que, como este, desfrutaram egoisticamente das riquezas materiais quando encarnados.

Em resposta, ouve o seguinte: “Têm Moisés e os profetas; ouçam-nos”. O rico então replica que se algum dos mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam. Mas Abraão lhe diz: “Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite”.

Se essa parábola, ou mesmo a passagem evangélica em que Jesus pede para deixar: “aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos” (Lucas, 9:60) significassem que não há, qualquer possibilidade de comunicação com os Espíritos, não fariam sentido as narrativas de Mateus (18:3-4) e Lucas (9:28-36), nas quais Jesus toma consigo Pedro, Tiago e João, condu-los a um alto monte e, ali, após o Cristo irradiar intensa luz, às vistas desses apóstolos, surgem os Espíritos Moisés e Elias, que conversam com o Mestre. A visão foi tão real que Pedro propôs a Jesus fazer três tabernáculos, um para este e os outros dois para Moisés e Elias (Mateus, 17:4).

Coube aos Espíritos superiores restabelecer a verdade sobre o intercâmbio entre os dois planos de uma mesma existência: a física e a espiritual. Na questão 459 de O Livro dos Espíritos, somos informados de que os Espíritos influem de tal modo em nossas vidas que, geralmente, eles nos “dirigem”.

Nossa alma é um Espírito que pensa. E, muitas vezes, vários pensamentos nos ocorrem simultaneamente sobre um mesmo assunto. É aí que se misturam com os nossos os pensamentos dos Espíritos, conforme lemos na questão 460 da obra supracitada. A liberdade de ação cabe a nós, por isso, afirmam os Espíritos a Kardec, não é muito importante distinguirmos nossos próprios pensamentos dos que nos são sugeridos (op. cit., q. 461).

A capacidade de distinguir se um pensamento sugerido procede de um bom ou um mau Espírito é adquirida pelo estudo de cada caso. Como pode ser lido na questão 464: “Estudai o caso. Os bons Espíritos só para o bem aconselham. Compete-vos discernir”.

Orientam-nos, ainda, os Espíritos superiores, que podemos nos eximir da influência dos Espíritos que procuram nos arrastar para o mal “visto que tais Espíritos só se apegam aos que, pelos seus desejos, os chamam, ou aos que, pelos seus pensamentos, os atraem” (op. cit., q. 467).

A forma de neutralizar a influência dos maus Espíritos é a prática do bem e a confiança em Deus (op. cit., q. 469).

Se observarmos atentamente os inúmeros acontecimentos de nossas existências físicas, podemos encontrar, de forma incontestável, a confirmação das informações transmitidas pelos Espíritos a Allan Kardec. Sim, nossas vidas e as das pessoas que conhecemos, ou não, são ricas de fatos atestatórios das influências dos Espíritos sobre os chamados vivos. E a destes sobre aqueles também é normal, embora nem sempre conscientes disso, assim como as influências dos encarnados entre si, que também podem ser ostensivas ou ocultas.

Filho de pai espírita convicto, embora este tenha falecido precocemente, aos cinquenta e três anos, quando tínhamos onze anos, aos vinte anos iniciamos, de fato, nossa participação no Movimento Espírita do Rio de Janeiro. Por várias décadas, ansiávamos por ter uma demonstração patente da sobrevivência do Espírito paterno, embora tenhamos tido sonhos vagos com ele. Casamo-nos e nada. A esposa, médium vidente, após alguns anos de casados, afirmou-nos tê-lo visto em certa ocasião e, ao perguntar-lhe, mentalmente, se ele ficaria conosco, respondeu-lhe que sim, espiritualmente.

Os anos passaram, a vontade de receber notícias do pai inesquecível permaneceu, mas também permanecemos calado. Jamais havíamos falado com ninguém sobre esse desejo. Desde que nos casamos, e há mais de vinte anos, cultuamos o Evangelho no lar.

Durante esse período, sempre ouvimos de nossa companheira a notícia de que temos um mentor espiritual, mas nunca fizemos qualquer correlação deste com a figura paterna. Até que, há alguns meses, a esposa tornou a vê-lo e, discretamente, transmitiu-nos mediunicamente a seguinte mensagem: “Meus filhos queridos, os tenho acompanhado por todos esses anos. Presenciei o renascimento de cada um dos seus três filhos e fui encarregado de ser o mentor espiritual do Evangelho no lar de sua família. Deixo aqui o meu abraço para todos vocês.” E identificou-se.

Era demais; a Espiritualidade coroava-nos a paciência da espera de mais de trinta anos com a mensagem daquele que, em vida, na curta convivência dos nossos onze anos, tínhamos como o modelo de honestidade, de elevação moral e de pai ideal. Pouco tempo após, viajamos para o Rio de Janeiro e, abrigados na casa materna, recebemos a ligação de um primo que mora em Niterói. Espontaneamente, falou-nos ter assistido a uma reunião mediúnica em Minas Gerais, na casa da esposa de seu irmão.

Esta senhora, também médium vidente e de psicofonia, embora sem nunca ter conhecido nosso pai, afirmou para todos os presentes a uma reunião do culto do Evangelho em seu lar que fora informada sobre a situação de diversos Espíritos familiares desencarnados. Concluiu afirmando: “De todos, o que está em melhor situação espiritual é o Sr. Sebastião”. E o identificou como tio do meu primo e meu inesquecível pai.

É como disse um dia Chico Xavier: “o telefone toca de lá para cá e não de cá para lá”. Quando os Espíritos nos julgam merecedores, se apresentam para nós, e se fazem conhecer, mas é preciso ter “olhos para ver e ouvidos para ouvir”, como falava Jesus. Por isso, dizia Kardec que o Espiritismo não é Ciência, no sentido comum dessa palavra. É Ciência de observação. Embora também se lhe aplique o método experimental, requer todo um procedimento que demanda esforço, crescimento espiritual. “Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual”.

(KARDEC, Allan. A Gênese. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1980, cap. I, item 16, p. 21).

Há poucos anos, participando de uma atividade de pesquisa na Biblioteca de Obras Raras, na FEB/Brasília, tivemos a felicidade de ler artigos de um “ex-inimigo do Espiritismo”: César Lombroso, o famoso psiquiatra e antropologista italiano, criador de uma tese famosa, utilizada ainda hoje, pela ciência criminológica, para identificar, pelos caracteres psicofísicos, a tendência

de uma pessoa às atitudes criminosas, além de outras tendências. Era, então, César, materialista convicto:

(LOMBROSO, César. Hipnotismo e Mediunidade. Trad. Almerindo Martins de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1974, p. 38) até ter resolvido participar de algumas reuniões mediúnicas em casa de médium famosa, Eusábia Paladino, que materializou o Espírito da mãe de Lombroso. Este ficou tão emocionado e estupefato com a presença e expressões maternas, que não teve mais qualquer dúvida: o Espírito de sua mãe viera dar-lhe a certeza da imortalidade da alma (op. cit., p. 56).

A partir desse dia, Lombroso se tornou um dos mais fervorosos divulgadores da Doutrina Espírita e autor da obra Hipnotismo e Mediunidade, traduzida pela Federação Espírita Brasileira, em que enfoca, à luz da Ciência espírita, a realidade dos fenômenos mediúnicos.

Na obra E a Vida Continua – cap. 25, “Nova diretriz”, ditada pelo Espírito André Luiz a Francisco Cândido Xavier, é narrado o caso da influência, mente a mente, entre o Espírito Evelina Serpa e seu ex-marido, Caio Serpa, que ainda se encontrava encarnado.

A esposa desencarnada buscava atuar sobre os pensamentos de Caio, objetivando influenciá-lo na decisão de consorciar-se com Vera, jovem por quem ele se apaixonara, mas se encontrava indeciso entre assumir ou não um compromisso de maior responsabilidade, como o de um segundo casamento. O casamento entre Caio e Vera ajudá-los-ia a se reajustarem ante a lei de causa e efeito, como de fato ocorreu.

A influência dos Espíritos pode, entretanto, ser boa ou má. Os maus inspiram-nos maus pensamentos, “sopram a discórdia” entre nós, insuflam-nos as “más paixões” e nos “exaltam o orgulho”. Os bons Espíritos inspiram-nos bons pensamentos, fazem-nos todo o bem que podem e se rejubilam com as nossas alegrias. Os nossos males morais os afligem mais do que os físicos. (O Livro dos Espíritos, q. 486 e 487.)

Temos, ainda, além da proteção dos parentes e amigos que nos precederam na “outra vida”, a do nosso Espírito protetor, comumente chamado anjo de guarda. (Op. cit., q. 489 e seguintes.)

Todo o nosso relacionamento com os Espíritos está na base da sintonia. Se nos ligarmos aos maus, os bons se afastam, se cultivarmos o bem, estes se aproximam e aqueles se afastam ou se convertem ao bem. Não foi por outra razão que Jesus nos recomendou: “Vigiai e orai, para não entrardes em tentação” (Mateus, 26:41; Marcos, 14:38).

O Espírito Emmanuel, no livro Caminho, Verdade e Vida, psicografado por Francisco Cândido Xavier (Lição 170: “Domínio Espiritual”), afirma-nos: “Nos transes aflitivos a criatura demonstra sempre onde se localizam as forças exteriores que lhe subjugam a alma”. E, como mais elevada companhia, cita a do próprio Criador junto de nós, como sempre esteve junto do Cristo, conforme atestam suas palavras em João, 16:32: “Não estou só, porque o Pai está comigo”.

Se também estivermos em perfeita sintonia com Jesus, o Pai também estará conosco, assim como todos os Espíritos que Ele destinou para nos instruir, testar o nosso equilíbrio, evoluir conosco.

É a lei de solidariedade – junto à de justiça, amor e caridade – que rege os nossos destinos e nos solicita, permanentemente, o bom uso do livre-arbítrio, a fim de que as boas influências espirituais se reflitam em nossos pensamentos, palavras e atos. Por isso, a sabedoria popular já afirma: “Dize-me com quem andas e te direi quem és”.

Especial

Nº 11 – 27/06/2007

O Consolador – (Vladimir Polízio)

III. Deixar aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos

Cremação: o que você acha?

Este, sem nenhuma dúvida, é um dos pontos que geram controvérsias.

A intenção deste trabalho não é fazer apologia a procedimentos que envolvam decisões delicadas e muito menos polemizar a questão.

Sabemos que tudo na vida não é só uma questão de compreensão, mas de costumes, hábitos, conceitos, raízes essas profundas que estão conosco desde o berço e custam algum tempo para que sejam modificadas.

Não se pretende, é claro, num simples comentário, que as pessoas passem a tomar decisões até então diferentes das que até agora foram decididas em família, e da forma convencional.

Quando se fala ou se mostra fatos e fotos de países que adotam sistemas diferentes dos praticados, por exemplo, em nossa pátria, muitos são os que ainda não aceitam sequer comentar a respeito.

Bem sabemos que países europeus e asiáticos adotam o sistema da cremação.

Embora essa prática não seja ainda muito aceita no Brasil, de acordo com o crematório de Vila Alpina, na Capital paulista, a cada três ou quatro meses há necessidade de se rever o percentual de interessados nessa modalidade de procedimento, em razão do crescente interesse demonstrado.

Um detalhe interessante e fornecido pelo próprio crematório é que o número de espíritas que optam por essa forma é maior que de outras religiões. É apenas uma questão de curiosidade, mas com fundamento lógico.

Como os números não mentem, mesmo quando aproximados, somente na capital de São Paulo tem-se em média o registro de 300 óbitos diários. Desse total, cerca de 25 deles são encaminhados ao crematório, o que corresponde a 8%. Isso está significando maior aceitação, mesmo porque outras cidades do Estado de São Paulo já estão em atividade nessa área, como Guarulhos, Santos, São José dos Campos, Sorocaba, Taboão da Serra e Itapeverica. São José do Rio Preto e Santo André estão em fase de preparação.

Enquanto outros países têm número elevadíssimo de cremações, o Brasil, que conta com 3.400 óbitos por dia, tem apenas 100 desse total, encaminhados para esse sistema, somando cerca de 3%.

Hoje, a justificativa para essa opção está contida num pacote com vários argumentos, conforme alegam. O primeiro deles é o custo com operação de aquisição de jazigo, inumação e sua perpétua manutenção.

Mesmo pela ótica espírita, há que se considerar, primeiramente, a formação individual. O aspecto da educação cultural é muitíssimo importante.

O desprendimento é o fator fundamental para a tranquilidade de qualquer decisão a ser tomada nesse sentido. O arrependimento, como sabemos, é uma sombra eterna.

CAPÍTULO XXIII – ESTRANHA MORAL

Por um lado, na questão nº 151 de “O Consolador”, cuja orientação procede de Emmanuel, essa figura exponencial que acompanhou Chico Xavier na condição de Mentor por quase 75 anos, é afirmado que devemos aguardar por mais horas o ato de destruição das vísceras materiais, em razão de possíveis ecos que ainda possam existir, cujos fluidos solicitem a alma para as sensações da existência material. É um fato.

De outra parte, temos no “O Céu e o Inferno”, de Allan Kardec, em sua segunda parte, Cap. I – A Passagem nos tópicos “4” e “5” onde vamos encontrar:

“de sorte que a separação não é completa e absoluta senão quando não reste mais um único átomo do perispírito unido a uma molécula do corpo; Disso resulta que o sofrimento que acompanha a morte está subordinado à força de aderência que une o corpo e o perispírito”.

Quanto à perturbação, no tópico “6” do mesmo livro vemos:

“a perturbação pode, pois, ser considerada como normal no instante da morte; a sua duração é indeterminada; (varia de algumas horas a alguns anos)”

Porém, nos casos de morte natural ou doenças, no tópico “9”, idem, aborda-se da seguinte forma: “no homem, cuja alma está desmaterializada, e cujos pensamentos se separam das coisas terrestres, o desligamento é quase completo antes da morte real; o corpo vive ainda a vida orgânica e a alma já entrou na vida espiritual e não se prende mais ao corpo senão por um laço tão fraco que se rompe, sem dificuldade, ao último batimento do coração”.

Na morte violenta, contudo, o tópico “12”, idem, esclarece:

“Sendo a força da vida orgânica subitamente detida, o desligamento do perispírito não começa, pois, senão depois da morte, e, nesse caso, como os outros, não pode se operar instantaneamente. O Espírito, apanhado de improviso, está como atordoado”.

Para finalizar, o tópico “13”, idem, traz:

“a prontidão do desligamento está em razão do grau de adiantamento do Espírito; para o Espírito desmaterializado, cuja consciência é pura, a morte é um sono de alguns instantes, isenta de todo sofrimento e cujo despertar é cheio de suavidade”.

À vista de todo o exposto, compreendemos que para quaisquer dos casos de desencarnação, seja através de morte violenta ou natural, há que se ter, sempre, leveza de espírito e de coração, pois foi Jesus que o disse: “Vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor. Mas considerai isto. Se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa. Por isso ficai também vós apercebidos, porque, à hora em que não cuidais o Filho do homem virá”

(Mateus, 24, 42-44).

Há que se pensar bem, para não se arrepender das atitudes tomadas. Como compreenderíamos aqueles que são lançados ao mar? Como ficariam os que se perdem nas geleiras eternas? E os que nunca foram encontrados por razões diversas? Estariam perdidos pela eternidade?

Através dos próprios Espíritos, nos é esclarecido que o corpo é mero veículo, é móvel de ação da alma, é matéria deteriorável; sem o halo vital é, de fato, verdadeiro resto.

“Deixai que os mortos enterrem seus mortos”.

É um assunto para refletir.

4. Não vim trazer a paz, mas a divisão

9. Não penseis que Eu tenha vindo trazer paz à Terra; não vim trazer a paz, mas a espada; porquanto vim separar de seu pai o filho, de sua mãe a filha, de sua sogra a nora; e o homem terá por inimigos os de sua própria casa.

(Mateus, 10:34 a 36.)

10. Vim para lançar fogo à Terra; e que é o que desejo senão que ele se acenda? Tenho de ser batizado com um batismo e quanto me sinto desejoso de que ele se cumpra!

Julgais que Eu tenha vindo trazer paz à Terra? Não, Eu vos afirmo; ao contrário, vim trazer a divisão; pois, doravante, se se acharem numa casa cinco pessoas, estarão elas divididas umas contra as outras: três contra duas e duas, contra três. O pai estará em divisão com o filho e o filho com o pai, a mãe com a filha e a filha com a mãe, a sogra com a nora e a nora com a sogra.

(Lucas, 12:49 a 53.)

11. Será mesmo possível que Jesus, a personificação da doçura e da bondade, que não cessou de pregar o amor do próximo, haja dito: “Não vim trazer a paz, mas a espada; vim separar do pai o filho, do esposo a esposa; vim lançar fogo à Terra e tenho pressa de que ele se acenda”? Não estarão essas palavras em contradição flagrante com os seus ensinamentos?

Não haverá blasfêmia em lhe atribuírem a linguagem de um conquistador sanguinário e devastador? Não, não há blasfêmia, nem contradição nessas palavras, pois foi mesmo Ele quem as pronunciou, e elas dão testemunho da sua alta sabedoria. Apenas, um pouco equívoca, a forma não lhe exprime com exatidão o pensamento, o que deu lugar a que se enganassem relativamente ao verdadeiro sentido delas. Tomadas à letra, tenderiam a transformar a sua missão, toda de paz, noutra de perturbação e discórdia, consequência absurda, que o bom senso repele, porquanto Jesus não podia desmentir-se.

(Cap. XIV, item 6.)

12. Toda ideia nova forçosamente encontra oposição e nenhuma há que se implante sem lutas. Ora, nesses casos, a resistência é sempre proporcional à importância dos resultados previstos, porque, quanto maior ela é, tanto mais numerosos são os interesses que fere. Se for notoriamente falsa, se a julgam isenta de consequências, ninguém se alarma; deixam-na todos passar, certos de que lhe falta vitalidade. Se, porém, é verdadeira, se assenta em sólida base, se lhe preveem futuro, um secreto pressentimento adverte os seus antagonistas de que constitui um perigo para eles e para a ordem de coisas em cuja manutenção se empenham. Atiram-se, então, contra ela e contra os seus adeptos.

Assim, pois, a medida da importância e dos resultados de uma ideia nova se encontra na emoção que o seu aparecimento causa, na violência da oposição que provoca, bem como no grau e na persistência da ira de seus adversários.

13. Jesus vinha proclamar uma doutrina que solaparia pela base os abusos de que viviam os fariseus, os escribas e os sacerdotes do seu tempo.

Imolaram-no, portanto, certos de que, matando o homem, matariam a ideia. Esta, porém, sobreviveu, porque era verdadeira; engrandeceu-se, porque correspondia aos desígnios de Deus e, nascida num pequeno e obscuro burgo da Judeia, foi plantar o seu estandarte na capital mesma do mundo pagão, em face dos seus mais encarniçados inimigos, daqueles que mais porfiavam em combatê-la, porque subvertia crenças seculares a que eles se apegavam muito mais por interesse do que por convicção.

Lutas das mais terríveis esperavam aí pelos seus apóstolos; foram inumeráveis as vítimas; a ideia, no entanto, avolumou-se sempre e triunfou, porque, como verdade, sobrelevava as que a precederam.

14. É de notar-se que o Cristianismo surgiu quando o Paganismo já entrara em declínio e se debatia contra as luzes da razão. Ainda era praticado pro forma; a crença, porém, desaparecera; apenas o interesse pessoal o sustentava. Ora, é tenaz o interesse; jamais cede à evidência; irrita-se tanto mais quanto mais peremptórios e demonstrativos de seu erro são os argumentos que se lhe opõem. Sabe ele muito bem que está errado, mas isso não o abala, porquanto a verdadeira fé não lhe está na alma. O que mais teme é a luz, que dá vista aos cegos. É-lhe proveitoso o erro; ele se lhe agarra e o defende.

Sócrates, também, não ensinara uma doutrina até certo ponto análoga à do Cristo? Por que não prevaleceu naquela época a sua doutrina, no seio de um dos povos mais inteligentes da Terra? É que ainda não chegara o tempo. Ele semeou numa terra não lavrada; o Paganismo ainda se não achava gasto. O Cristo recebeu em propício tempo a sua missão. Muito faltava, é certo, para que todos os homens da sua época estivessem à altura das ideias cristãs, mas havia entre eles uma aptidão mais geral para as assimilar, pois que já se começava a sentir o vazio que as crenças vulgares deixavam na alma. Sócrates e Platão haviam aberto o caminho e predisposto os espíritos.

(Veja-se, na Introdução, o § IV: Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do Espiritismo.)

15. Infelizmente, os adeptos da nova doutrina não se entenderam quanto à interpretação das palavras do Mestre, veladas, as mais das vezes, pela alegoria e pelas figuras da linguagem. Daí o nascerem, sem demora, numerosas seitas, pretendendo todas possuir, exclusivamente, a verdade e o não bastarem dezoito séculos para pô-las de acordo. Olvidando o mais importante dos preceitos divinos, o que Jesus colocou por pedra angular do seu edifício e como condição expressa da salvação: a caridade, a fraternidade e o amor ao próximo, aquelas seitas lançaram anátema umas sobre as outras, e umas contra as outras se atiraram, as mais fortes esmagando as mais fracas, afogando-as em sangue, aniquilando-as nas torturas e nas chamas das fogueiras. Vencedores do Paganismo, os cristãos, de perseguidos que eram, fizeram-se perseguidores. A ferro e fogo foi que se puseram a plantar a cruz do Cordeiro sem mácula nos dois mundos. É fato constante que as guerras de religião foram as mais cruéis, mais vítimas causaram do que as guerras políticas; em nenhuma outra se praticaram tantos atos de atrocidade e de barbárie.

Cabe a culpa à doutrina do Cristo? Não, decerto que ela formalmente condena toda violência. Disse Ele alguma vez a seus discípulos: Ide, matai, massacrai, queimai os que não crerem como vós? Não; o que, ao contrário, lhes disse, foi: Todos os homens são irmãos e Deus é soberanamente misericordioso; amai o vosso próximo; amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos persigam. Disse-lhes, outrossim: “Quem matar com a espada pela espada perecerá.” A responsabilidade, portanto, não pertence à doutrina de Jesus, mas aos que a interpretaram falsamente e a transformaram em instrumento próprio a lhes satisfazer as paixões; pertence aos que desprezaram estas palavras: “Meu reino não é deste mundo.”

Em sua profunda sabedoria, Ele tinha a previdência do que aconteceria; mas essas coisas eram inevitáveis, porque inerentes à inferioridade da natureza humana, que não podia transformar-se repentinamente. Cumprira que o Cristianismo passasse por essa longa e cruel prova de dezoito séculos para mostrar toda a sua força, visto que, malgrado todo o mal cometido em seu nome, ele saiu dela puro. Jamais esteve em causa. As invectivas sempre recaíram sobre os que dele abusaram. A cada ato de intolerância, sempre se disse: Se o Cristianismo fosse mais bem compreendido e mais bem praticado, isso não se daria.

16. Quando Jesus declara: “Não creias que Eu tenha vindo trazer a paz, mas sim a divisão”, seu pensamento era este:

“Não creias que a minha doutrina se estabeleça pacificamente; ela trará lutas sangrentas, tendo por pretexto o meu nome, porque os homens não me terão compreendido, ou não me terão querido compreender. Os irmãos, separados pelas suas respectivas crenças, desembainharão a espada um contra o outro e a divisão reinará no seio de uma mesma família, cujos membros não partilhem da mesma crença. Vim lançar fogo à Terra para expungir-la dos erros e dos preconceitos, do mesmo modo que se põe fogo a um campo para destruir nele as ervas más, e tenho pressa de

que o fogo se acenda para que a depuração seja mais rápida, visto que do conflito sairá triunfante a verdade. À guerra sucederá a paz; ao ódio dos partidos, a fraternidade universal; às trevas do fanatismo, a luz da fé esclarecida.

Então, quando o campo estiver preparado, Eu vos enviarei o Consolador, o Espírito de Verdade, que virá restabelecer todas as coisas, isto é, que, dando a conhecer o sentido verdadeiro das minhas palavras, que os homens mais esclarecidos poderão enfim compreender, porá termo à luta fratricida que desune os filhos do mesmo Deus. Cansados, afinal, de um combate sem resultado, que consigo traz unicamente a desolação e a perturbação até o seio das famílias, reconhecerão os homens onde estão seus verdadeiros interesses, com relação a este mundo e ao outro. Verão de que lado estão os amigos e os inimigos da tranquilidade deles. Todos então se porão sob a mesma bandeira: a da caridade, e as coisas serão restabelecidas na Terra, de acordo com a verdade e os princípios que vos tenho ensinado.”

17. O Espiritismo vem realizar, na época prevista, as promessas do Cristo. Entretanto, não o pode fazer sem destruir os abusos. Como Jesus, ele topa com o orgulho, o egoísmo, a ambição, a cupidez, o fanatismo cego, os quais, levados às suas últimas trincheiras, tentam barrar-lhe o caminho e lhe suscitam entraves e perseguições. Também ele, portanto, tem de combater; mas o tempo das lutas e das perseguições sanguinolentas passou; são todas de ordem moral as que terá de sofrer e próximo lhes está o termo. As primeiras duraram séculos; estas durarão apenas alguns anos, porque a luz, em vez de partir de um único foco, irrompe de todos os pontos do globo e abrirá mais de pronto os olhos aos cegos.

18. Essas palavras de Jesus devem, pois, entender-se com referência a cóleras que a sua doutrina provocaria, aos conflitos momentâneos a que ia dar causa, às lutas que teria de sustentar antes de se firmar, como aconteceu aos hebreus antes de entrarem na Terra Prometida, e não como decorrentes de um desígnio premeditado de sua parte de semear a desordem e a confusão. O mal viria dos homens, e não dele, que era como o médico que se apresenta para curar, mas cujos remédios provocam uma crise salutar, atacando os maus humores do doente.

Especial

Nº 134 – 22/11/2009

O Consolador – (Francisco Rebouças)

IV. Não vim trazer a paz, mas a divisão

Jesus veio muito à frente!

Ainda hoje muitos dos nossos irmãos cristãos de variadas correntes religiosas na Terra vivem a discutir as palavras de Jesus quando nos afirmou: “Não vim trazer a paz, mas a divisão”.

Não conseguem entender o porquê dessa atitude do Mestre de Nazaré, quando sua missão é, em todas as épocas, de paz e amor, visto que não dispõem da bênção das claras explicações que temos na Doutrina Espírita, que graças a Deus já abraçamos, para entender a verdadeira fé sob a ótica da razão.

Foi a partir do lançamento de O Livro dos Espíritos, em 1857, que as passagens de Jesus narradas nos evangelhos puderam ter uma assimilação muito mais fácil e de forma bem mais ampliada, para que finalmente pudéssemos compreender suas sábias intenções em tudo que nos ensinou e exemplificou enquanto esteve por aqui.

A Doutrina Espírita, embora ainda muito combatida e desrespeitada por muitos desses irmãos ditos “**cristãos**”, nos assevera que para se alcançar os objetivos da mensagem consoladora do evangelho na nossa sociedade precisamos seguir firmes e destemidos, na certeza de que o discípulo de Jesus encontrará NELE e em seus prepostos a sustentação necessária para fincar a bandeira da paz, da fé e da caridade nos horizontes turvos dos dias que vivenciamos na atualidade.

Em O Evangelho segundo o Espiritismo, encontramos estas sábias orientações dos Nobres Emissários Celestes, que abaixo transcrevemos.

“O Espiritismo vem realizar, na época prevista, as promessas do Cristo. Entretanto, não o pode fazer sem destruir os abusos. Como Jesus, ele topa com o orgulho, o egoísmo, a ambição, a cupidez, o fanatismo cego, os quais, levados às suas últimas trincheiras, tentam barrar-lhe o caminho e lhe suscitam entraves e perseguições.

Também ele, portanto, tem de combater; mas o tempo das lutas e das perseguições sanguinolentas passou; são todas de ordem moral as que terá de sofrer e próximo lhes está o termo. As primeiras duraram séculos; estas durarão apenas alguns anos, porque a luz, em vez de partir de um único foco, irrompe de todos os pontos do Globo e abrirá mais de pronto os olhos aos cegos”.

“Essas palavras de Jesus devem, pois, entender-se com referência a cóleras que a sua doutrina provocaria, aos conflitos momentâneos a que ia dar causa, às lutas que teria de sustentar antes de se firmar, como aconteceu aos hebreus antes de entrarem na Terra Prometida, e não como decorrentes de um desígnio premeditado de sua parte de semear a desordem e a confusão. O mal viria dos homens e não dele, que era como o médico que se apresenta para curar, mas cujos remédios provocam uma crise salutar, atacando os maus humores do doente.” (1)

Portanto, queridos irmãos de ideal espírita, não desanimemos ante as dificuldades do caminho, trabalhe-mos árdua e corajosamente, como Jesus nos exemplificou, há dois mil anos, atrás, na absoluta, certeza de que mais cedo ou mais tarde, contra os interesses escusos dos poderosos de agora, estaremos, saboreando a vitória da harmonia que a compreensão da mensagem contida no seu Evangelho propiciará.

Referência:

(1) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (capítulo XXIII – Estranha Moral, itens 17 e 18.)

Estudo Metódico do Pentateuco Kardequiano IV. Não vim trazer a paz, mas a divisão

Nº 322 – 28/07/2013

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

O Evangelho segundo o Espiritismo

Texto para leitura

292. “A árvore que produz maus frutos não é boa e a árvore que produz bons frutos não é má; porquanto cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto. Não se colhem figos nos espinheiros, nem cachos de uvas nas sarças. O homem de bem tira boas coisas do bom tesouro do seu coração e o mau tira-as más do mau tesouro do seu coração; porquanto a boca fala do de que está cheio o coração.”

(Lucas, cap. VI, vv. 43 a 45.) (Cap. XXI, item 1.)

293. “Guardai-vos dos falsos profetas que vêm ter convosco cobertos de peles de ovelha e que por dentro são lobos rapaces. Conhecê-los eis pelos seus frutos. Podem colher-se uvas nos espinheiros ou figos nas sarças? Assim, toda árvore boa produz bons frutos e toda árvore má produz maus frutos. Uma árvore boa não pode produzir frutos maus e uma árvore má não pode produzir frutos bons. Toda árvore que não produz bons frutos será cortada e lançada ao fogo.”

(Mateus, cap. VII, vv. 15 a 20.) (Cap. XXI, item 2.)

294. No sentido evangélico, o “vocábulo profeta – tem mais extensa significação. Diz-se de todo enviado de Deus com a missão de instruir os homens e de lhes revelar as coisas ocultas e os mistérios da vida espiritual.” Pode, pois, um homem ser profeta, sem fazer predições. A ideia de que o profeta podia adivinhar o futuro era comum entre os judeus, ao tempo do advento do Cristo. É por isso que, quando o levaram à presença de Caifás, os escribas e os anciãos lhe cuspiram no rosto, lhe deram socos e bofetadas, dizendo: “Cristo, profetiza para nós e dize quem foi que te bateu”.

(Cap. XXI, item 4.)

295. O fato de operar o que certas pessoas consideram prodígios não constitui sinal de uma missão divina, visto que pode resultar de conhecimentos cuja aquisição está ao alcance de qualquer um, ou de faculdades orgânicas especiais, que o mais indigno como o mais digno podem possuir. O verdadeiro profeta se reconhece por mais sérios caracteres e exclusivamente morais.

(Cap. XXI, item 5.)

296. Se os que se dizem investidos de poder divino revelam sinais de uma missão de natureza elevada, isto é, se possuem no mais alto grau as virtudes cristãs e eternas: a caridade, o amor, a indulgência, a bondade que concilia os corações; se, em apoio das palavras, apresentam os atos, podereis então dizer: Estes são realmente enviados de Deus. Desconfiai, porém, das palavras melíferas, desconfiai dos escribas e dos fariseus que oram nas praças públicas, vestidos de longas túnicas. Desconfiai dos que pretendem ter o monopólio da verdade.

(Cap. XXI, item 8, Luís.)

297. De tudo o que revele um átomo de orgulho, fugi, como de uma lepra contagiosa, que corrompe tudo em que toca. Lembrai-vos de que cada criatura traz na, fronte, mas principalmente nos atos, o cunho da sua grandeza ou da sua inferioridade.

(Cap. XXI, item 8, Luís.)

298. Os falsos profetas não se encontram unicamente entre os encarnados. Há-os também, e em muito maior número, entre os Espíritos orgulhosos que, aparentando amor e caridade, semeiam a desunião e retardam a obra de emancipação da Humanidade, lançando-lhe de través seus sistemas absurdos, depois de terem feito que seus médiuns os aceitem.

CAPÍTULO XXIII – ESTRANHA MORAL

(Cap. XXI, item 10, Erasto.)

299. São eles que espalham o fermento dos antagonismos entre os grupos, que os impelem a isolarem-se uns dos outros e a olharem-se com prevenção. Isso por si só bastaria para os desmascarar, pois, procedendo assim, são os primeiros a dar o mais formal desmentido às suas pretensões. Cegos, portanto, são os homens que se deixam cair em tão grosseiro embuste.

(Cap. XXI, item 10, Erasto.)

300. Repeli sem condescendência todos esses Espíritos que se apresentam como conselheiros exclusivos, pregando a separação e o insulamento. São quase sempre Espíritos vaidosos e medíocres, que procuram impor-se a homens fracos e crédulos, prodigalizando-lhes exagerados louvores, a fim de os fascinar e de tê-los dominados.

(Cap. XXI, item 10, Erasto.)

301. Estai certos, igualmente, de que, quando uma verdade tem de ser revelada aos homens, é, por assim dizer, comunicada instantaneamente a todos os grupos sérios, que dispõem de médiuns também sérios, e não a tais ou quais, com exclusão dos outros. Nenhum médium é perfeito, se está obsidiado; e há manifesta obsessão quando um médium só é apto a receber comunicações de determinado Espírito, por mais alto que este procure colocar-se.

(Cap. XXI, item 10, Erasto.)

302. Imutável só há o que vem de Deus. Tudo o que é obra dos homens está sujeito a mudança. As leis da Natureza são as mesmas em todos os tempos e em todos os países. As leis humanas mudam segundo os tempos, os lugares e o progresso da inteligência. No casamento, o que é de ordem divina é a união dos sexos, para que se opere a substituição dos seres que morrem; mas as condições que regulam essa união são de tal modo, humanas, que não há, no mundo inteiro, dois países onde elas sejam absolutamente iguais.

(Cap. XXII, item 2.)